

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

A trajetória de Alzira Maria Paiva de Almeida e sua contribuição na luta contra a peste no sertão pernambucano

The trajectory of Alzira Maria Paiva de Almeida and her contribution to the fight against plague in the backlands of Pernambuco

Solange Regina da Silva¹

Isabela Lapa Silva²

Marise Sobreira³

Elainne Christine de Souza Gomes⁴

1 Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); mestre em Teoria da Literatura pela mesma instituição; atualmente desenvolve pesquisa na linha de estudos pós-coloniais/decoloniais, com foco em Literatura de Viagem e estudos oitocentistas, sendo bolsista CAPES. E-mail: sol.silva.es@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0281-6313>.

2 Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); atualmente desenvolve pesquisa na linha de Teoria da Letras, artes e mídias e poéticas da criação. E-mail: isabelalapasilva@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5606-9109>.

3 Pesquisadora em Saúde Pública do Instituto Aggeu Magalhães/ Fiocruz/ PE (Departamento de Microbiologia), sendo vice-coordenadora do Serviço de Referência Nacional em Peste e curadora adjunta da Coleção Biológica de *Yersinia pestis*. Professora adjunta da Universidade de Pernambuco, *campus* Mata Norte. Possui Doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco e Mestrado em Genética pela mesma instituição. E-mail: marise.silva@fiocruz.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3616-9169>.

4 Pesquisadora em Saúde Pública do Instituto Aggeu Magalhães/ Fiocruz/ PE (Departamento de Parasitologia), sendo coordenadora do Serviço de Referência em Esquistossomose. Possui Pós-Doutorado em Saúde Pública - IAM/ Fiocruz/ PE; Doutorado em Ciências/ Saúde Pública pelo Instituto Aggeu Magalhães - IAM/ Fiocruz/ PE; e Mestrado em Biologia Animal pela UFPE. E-mail: elainne.gomes@fiocruz.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7836-6457>.



Resumo: O presente trabalho procura fazer uma breve síntese da trajetória pessoal e profissional de Alzira Maria Paiva de Almeida, situando-a no seu contexto histórico e sua continuidade no presente. Pesquisadora emérita do Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz - Pernambuco), ela é um importante nome na história da saúde pública brasileira e referência nacional e internacional no campo da pesquisa sobre a peste. Nascida em Palmares (PE), seu percurso acadêmico foi marcado por grandes feitos, como a participação no programa de controle da peste no Brasil, a única mulher a compor a equipe na sua formação inicial, a partir do laboratório em Exu, cidade no sertão pernambucano considerada epicentro do espraio da doença no estado. Entendemos, nesse contexto, a peste também como um fenômeno histórico e social que traz à tona questões de saúde pública, desigualdades sociais e geográficas e a luta por reconhecimento no campo científico, sobretudo por parte das mulheres pesquisadoras.

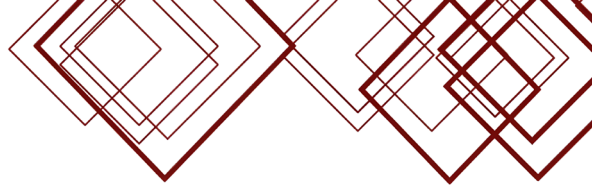
Palavras-Chave: Trajetória. Memória. Pesquisa científica. Peste.

Abstract: This paper seeks to briefly summarize the personal and professional trajectory of Alzira Maria Paiva de Almeida, placing her in her historical context and her current development. Emeritus researcher at the Aggeu Magalhães Institute (Fiocruz - Pernambuco), she is an important name in the history of Brazilian public health and a national and international reference in the field of plague research. Born in Palmares (PE), her academic career was marked by great achievements, such as her participation in the plague control program in Brazil, being the only woman to be part of the team during its initial formation, from the laboratory in Exu, a city in the hinterland of Pernambuco considered the epicenter of the spread of the disease in the state. In this context, we understand the plague also as a historical and social phenomenon that brings to light issues of public health, social and geographic inequalities, and the struggle for recognition in the scientific field, especially by women researchers.

Keywords: Trajectory. Memory. Scientific research. Plague.

Considerações iniciais

A peste é uma enfermidade causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida por pulgas que infectam os roedores e outros mamíferos. Essa doença foi responsável por inúmeras epidemias ao longo da história. De acordo com o sanitarista Marcelo Silva Júnior (1942), reconstruir a trajetória da peste de forma cronológica é praticamente impossível. Seus estudos indicam que há relatos sobre a doença desde o ano 700 a.C. Na Era Cristã, ocorreram três grandes pandemias. A primeira, chamada de Peste Justiniano, ocorreu entre os anos 542-602 d.C., com início no Egito e propagação pelos continentes asiático, africano e eu-



ropeu, contribuindo para o declínio do Império Romano em razão da sua alta letalidade. A segunda, conhecida como a Peste Negra, persistiu do século XIV ao século XVI, iniciando na Ásia e se espalhando por toda a Europa e parte do Norte da África, causando cerca de 40 milhões de óbitos. A terceira, denominada Oceânica ou Peste Contemporânea, teve início na província de Yunnan, na China, no final do século XIX, e se espalhou a partir do porto de Hong Kong, chegando até as Américas (Barbieri *et al.*, 2020). Essa pandemia contemporânea chegou ao Brasil em 1899 por via marítima, pelo Porto de Santos, no estado de São Paulo. Tal marco foi reconhecido depois dos estudos acerca dessa doença exótica desenvolvidos por quatro expoentes da ciência brasileira: Vital Brasil, Adolpho Lutz, Emílio Ribas e Oswaldo Cruz (Cukierman, 1998). A partir de Santos, a doença se propagou para outras cidades portuárias de outros estados e se disseminou para o interior afetando inicialmente as populações urbanas e, posteriormente, alcançando áreas rurais, onde a bactéria encontrou nichos ecológicos que possibilitaram a manutenção do ciclo silvestre da peste em várias regiões do país (Cukierman 1998; Tavares, 2007).

365

Considerando sua seriedade e relevância, cabe mencionar que a peste pode se apresentar de três formas clínicas principais: a peste bubônica, variedade mais comum da doença, que é caracterizada pela formação de um bubão (nódulo linfático inchado); a peste pneumônica, forma mais grave devido ao alto potencial de contágio, alta letalidade e a capacidade de provocar epidemias pela transmissão pessoa a pessoa; e a peste septicêmica, terceira forma, caracterizada pela presença da bactéria na corrente sanguínea, podendo causar necrose e enegrecimento das extremidades (Brasil, 2008).

Observamos que as reações dos sujeitos diante de epidemias e pandemias costumam envolver sentimentos como medo, insegurança,

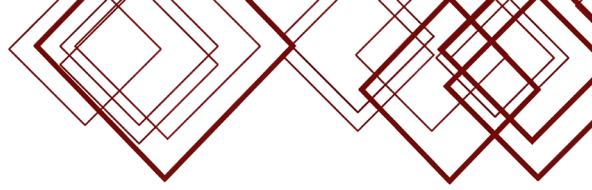


apreensão e angústia. Nesse contexto, ao mesmo tempo que as ciências da saúde investem em pesquisas para dar respostas mais concretas, narrativas são construídas reativando os imaginários sobre as doenças e seus significados ao longo da história da humanidade. O grande surto da peste em Pernambuco, entre 1930 e 1936, foi um desses contextos de medo e incertezas, assim como a pandemia da Covid-19, mais recentemente, em 2020. Assim, neste trabalho, buscamos abordar brevemente a trajetória de Alzira Maria Paiva de Almeida, visando situá-la no seu contexto histórico, discutindo seu legado frente ao combate da peste e seus enfrentamentos pessoais e profissionais.

366

Ao optarmos pelo termo *trajetória*, partimos das discussões do sociólogo Pierre Bourdieu (1996), centradas no sujeito social. Para o intelectual, a *trajetória* abordaria as linhas de força de uma sequência de ações, considerando não só aspectos particulares, da história pessoal, como também compartilhados em sociedade. Sendo assim, ele entende a trajetória como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (Bourdieu, 1996, p. 81). Logo, interessa-nos pensar os relatos a que tivemos acesso em entrevista com Alzira, bem como outras fontes, como forma de situar, compreender e refletir sobre os passos dessa pesquisadora em meio a uma série de acontecimentos marcantes na história da saúde, como a epidemia da peste e a consolidação da pesquisa científica no Brasil.

Ainda sobre essa formulação do *eu*, nos alinhamos à perspectiva foucaultiana que aponta para um dinamismo dessas narrativas de si (Foucault, 1992). Logo, o *eu* é construído continuamente a partir das práticas de cuidados de si, que incluem uma autorreflexão e autoanálise, bem como a escrita como forma de introspecção. Isso nos ajuda na construção de uma narrativa que dê sentido a nossa existência. Embora



Foucault foque sobretudo na prática escrita, é interessante pensarmos do ponto de vista das práticas exercidas e de como a meditação sobre elas reflete no modo como elaboramos isso que chamamos de “eu”. É dessa linha narrativa que buscamos encadear e dar coerência aos nossos atos (Foucault, 2011). Nesse processo, importa considerar o contexto que estamos inseridos, de modo que aquilo que lembramos e esquecemos está ligado também ao que coletivamente é preservado, compartilhado e discutido, e o que é preterido. Maurice Halbwachs (2004) é quem discute essa dimensão coletiva da memória, propondo-a indissociável ao que chamamos de memória individual. Para ele, esta seria demarcada por um ponto de vista sobre a memória coletiva e, desse modo, vai variar, a depender dos vínculos estabelecidos com diferentes grupos sociais a que pertencemos.

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e são lembradas por outros, mesmo quando se trata de eventos dos quais apenas nós participamos e objetos que apenas nós vimos. Isso acontece porque, na realidade, nunca estamos sozinhos. Não é necessário que outros homens estejam presentes, distintos materialmente de nós, pois sempre carregamos conosco e dentro de nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2004, p. 19).

367

Logo, procuramos conectar, dentro do que define Bourdieu (1996) como trajetória, relatos biográficos da vida da pesquisadora Alzira com o contexto histórico em que ela traça seu percurso, do projeto de combate à peste até os seus projetos do presente. Pesquisadora emérita do Instituto Aggeu Magalhães - Fiocruz Pernambuco, Alzira nasceu em Palmares (PE), em 16 de janeiro de 1943. Seu ingresso na pesquisa ocorreu durante a graduação em Nutrição, junto à então Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), quando ela se envolveu em atividades de iniciação científica, como chamamos



hoje, participando da expansão do curso, sendo este um período de bastante aproveitamento científico e amadurecimento. Em 1964, Alzira concluiu o seu curso e seguiu envolvida na área científica, fazendo parte da equipe do Prof. Nelson Chaves, nome importante no combate à fome. Além disso, também contribuiu para a estruturação do Instituto de Nutrição da Universidade do Recife, que viria a se tornar o Departamento de Nutrição da UFPE (Almeida, 1997).

368

A dedicação e o empenho de Alzira ao longo do tempo fizeram com que conhecesse vários profissionais envolvidos com a pesquisa, o que contribuiu para que ela recebesse o convite para compor a equipe do Plano Piloto de Peste (PPP) (Fiocruz, 2019). Esse projeto passou a ser estruturado em 1955, criado pela Secretaria Estadual de Saúde (SES), a fim de compor um efetivo para atender as demandas sanitárias relacionadas à peste. A implantação do PPP se deu de fato em 1966, no laboratório em Exu, com equipe encabeçada por Dr. Marcel Baltazar⁵, do Instituto Pasteur. A decisão por essa cidade do interior de Pernambuco foi motivada pelo elevado número de casos da doença na região — ponto fulcral de disseminação da peste —, pela localização estratégica do município e pela presença de uma antiga escola agrícola abandonada, que foi transformada em laboratório de pesquisa. O pesquisador Frederico Simões Barbosa (Almeida 2016), à época diretor do então Instituto Aggeu Magalhães (IAM), foi o responsável por convidar Alzira para essa empreitada, mesmo com as opiniões contrárias, pelo fato de ela ser mulher e da área de nutrição (Fiocruz, 2019).

O PPP contava com verba da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do

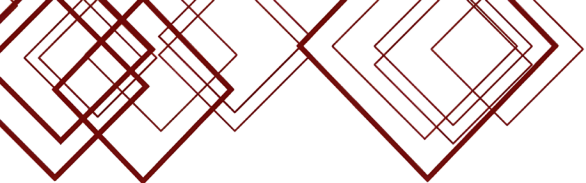
⁵ “ex-diretor do Instituto Pasteur de Teerã, especialista e consultor em peste da OMS e chefe do Departamento de Epidemiologia de Doenças Transmissíveis do Instituto Pasteur de Paris” (Fiocruz, 2019, p. 2).



Nordeste), havendo a possibilidade de contratação por serviço prestado (Almeida, 1997). Nesse período, Alzira já estava noiva de Célio Rodrigues de Almeida, também pesquisador, que havia entrado para o IAM há pouco tempo. Assim, ao lado do companheiro, ela mudou-se para Exu, tendo, portanto, que se desligar do Instituto de Nutrição. Apesar da resistência a seu ingresso no projeto, ela não se intimidou, como relata em memorial da Fiocruz (2019, p. 3): “Para corresponder à sua confiança [a de Dr. Francisco Simões] e fazer frente ao preconceito que havia contra biólogos e por muitos funcionários do IAM que não me achavam qualificada para o projeto, empenhei-me para me mostrar capaz e superar qualquer limitação”. E, entre tantas conquistas ao longo da sua carreira, estabeleceu parcerias em laboratórios nos Estados Unidos e na França. Inclusive, foi na França onde Alzira realizou seu Doutorado em Microbiologia, na Université Paris VII, com pesquisa focada na peste, o que fez com que ela se tornasse referência nacional e internacional nesse tema (Fiocruz, 2019). 369

Diante disso, o legado de Alzira se estende além de sua contribuição para o combate à peste em Pernambuco. Desse modo, este trabalho aborda a peste, sua origem e chegada ao Brasil e Pernambuco, com ênfase nas medidas sanitárias adotadas no Sertão do Nordeste pernambucano. Também explora a trajetória de Alzira, destacando sua entrada na saúde, os desafios enfrentados como mulher, pesquisadora, esposa e mãe em um ambiente sexista, e discute seu legado na saúde pública e na luta contra a peste, inspirando futuras gerações de pesquisadoras da Fiocruz. No percurso de elaboração deste texto, tivemos a alegria e a honra de conversar com Alzira, que, gentilmente, aceitou nos conceder uma entrevista⁶, em que conta um pouco da sua história. Assim, entre-

6 Entrevista realizada em 5 de setembro de 2024, concedida às pesquisadoras Isabela Lapa Silva e Solange Regina da Silva. O encontro se deu no Instituto Aggeu Magalhães, Fiocruz-PE e foi gravada com autorização de Dr. Alzira Almeida, sendo



meados nesse texto, traçaremos uma conexão presente-passado, a fim de mostrar como as contribuições dessa importante pesquisadora seguem em movimento e em construção.

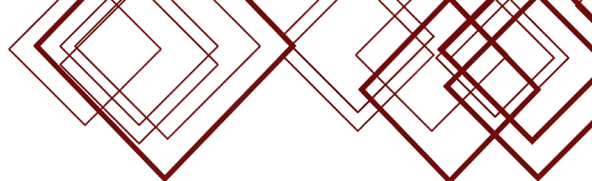
A peste em Pernambuco

Conforme comentado, a peste chegou ao Brasil em 1899, pelo porto de Santos, em São Paulo (Cukierman, 1998). A partir dessa chegada, a doença e seu enfrentamento passaram por várias fases e entendimentos por parte de políticos e sanitaristas. Nesse começo, entre 1899-1900, apesar do aumento do número de casos no Brasil, não havia consenso científico sobre a transmissão da doença, o que resultava em diferentes medidas profiláticas.

370

O pesquisador Matheus Alves Duarte da Silva (2013), discute algumas das controvérsias que rondaram a peste no território brasileiro. Ele cita, por exemplo, artigos e matérias do *Brazil Médico*, importante periódico científico da época, que tratam das vias de transmissão e possíveis medidas preventivas, revelando as várias visões sobre o tema. Um dos exemplos fala da indicação para iniciar a extinção de ratos em sistema de esgoto e de drenagem pluvial da cidade e para a utilização de capas impermeáveis envolvendo os caixões durante o sepultamento, a fim de evitar que vapores escapassem e pudessem ocasionar a propagação de enfermidades relacionadas à causa do falecimento. Só em 1904 a ideia da transmissibilidade pela pulga do rato ganhou maior aceitação, mas permanece sem confirmação definitiva (Silva, 2013). Nesse sentido, a instalação e o desenvolvimento do Plano Piloto da Peste, na década de 1960, na cidade de Exu, trouxe finalmente o reconhecimento da infec-

apresentada neste texto em registro escrito pela primeira vez neste artigo. Ao longo do trabalho faremos uso de falas transcritas da pesquisadora indicadas pelo seu último sobrenome e a marcação 2024b.



ção de peste silvestre pelo Ministério da Saúde do Brasil (Silva, 2025), atestando a importância desse projeto para a saúde pública.

Em Pernambuco, a peste chegou também por via portuária, com seu primeiro registro em 1902, na capital do estado (Freitas, 1919), após sua entrada através do porto de Santos (SP) em 1899 (Cukierman, 1998). Até 1918, foram relatados 431 óbitos no Recife, sendo o último caso humano documentado na cidade em 1924. A partir de 1910, a doença se espalhou para o interior, atingindo a zona rural de diversas cidades. Entre 1926 e 1927, uma grande epidemia devastou a cidade de Triunfo, localizada na Chapada da Borborema, no sertão pernambucano, que faz fronteira com o estado da Paraíba. Durante esse período, foram registrados mais de 2.300 casos e aproximadamente 1.400 mortes. Desse modo, ela já era considerada uma endemia rural em 1940, ainda que não se tivesse consenso sobre sua fonte de transmissão (Silva, 2024). A partir dessa expansão da epidemia, a peste que se propagava a partir de roedores sinantrópicos comensais (*Rattus rattus*), encontrou nichos ecológicos que possibilitaram a instalação de focos naturais da doença a partir do envolvimento de reservatórios silvestres (*Necromys lasiurus*), passando a ser considerada uma endemia rural (Baltazard, 1968b; Neves, 1957). É importante destacar que os focos naturais de peste no Brasil e no mundo ocorrem em sua maioria em áreas de altitude e com microclima de montanha, como é o caso dos outros dois focos de peste em Pernambuco: nos municípios de Exu e Garanhuns (Fernandes *et al.*, 2021a), como veremos a seguir.

371

A doença chegou a Exu em 1919, causando epidemias até 1965, com destaque para a epidemia de 1935, que afetou 437 pessoas e resultou em 195 óbitos. Em 1941, uma epidemia de peste pneumônica assola o município de Pesqueira, com 12 casos e 11 mortes (Tavares, 2007). As ações de controle da peste eram inicialmente desenvolvidas



pelos estados, mas na década de 1930 ficou a cargo do Departamento Nacional de Saúde (DNS). Esse modelo de saúde, caracterizado por uma forte hierarquia, tinha suas ações planejadas a nível central – o que hoje corresponderia ao Ministério da Saúde – e executadas a nível local (municípios) de forma uniformizada em todo território nacional. Após uma reestruturação, o DNS criou, em 1941, o Serviço Nacional de Peste (SNP), com o objetivo de combater mais eficazmente a zoonose, funcionando de forma intensiva até a década de 1950.

372

Em 1956, foi criado o DNERu (Departamento Nacional de Endemias Rurais), que buscava coordenar ações de controle e prevenção de endemias rurais, como a peste bubônica. Em 1960, o departamento tornou-se um Instituto, passando a se chamar INERu (Instituto Nacional de Endemias Rurais), cuja estrutura contava com o apoio do Núcleo Central de Pesquisas da Guanabara, no Rio de Janeiro, o Centro de Pesquisas René Rachou, em Belo Horizonte - MG, o Núcleo de Pesquisas da Bahia, em Salvador, e o CPqAM, então Instituto Aggeu Magalhães, no Recife - PE (Tavares, 2007). Assim, foram organizados vários de grupos de trabalho (GT's) a fim de mapear essas doenças, suas origens e causas pelo território nacional. O GT responsável pela peste, à época, não chegou a reunir dados suficientes que comprovassem a existência da peste silvestre no Brasil (Tavares, 2007).

Entretanto, com o declínio dos casos humanos, as ações foram sendo descontinuadas ano a ano, e, ainda na década de 1960, a maioria dos laboratórios estava desativada, momento em que a peste ressurgiu em vários estados. Com a gravidade da epidemia em curto intervalo de tempo (cerca de 5 anos), decidiu-se modernizar os laboratórios e a supervisão deles ficou a cargo do IAM e do INERu. Logo, já em 1966, foi instalado em Exu o Plano Piloto de Peste (Baltazard, 1968a), projeto desenvolvido em parceria com a Organização Mundial da Saúde



(OMS) e Organização Panamericana da Saúde (OPAS) e que seguiu até 1974.

De 1974 até 1982, a equipe do projeto desenvolveu pesquisas em Garanhuns, enquanto as atividades em Exu continuaram (Tavares, 2007). A partir de 1982, as atividades de pesquisa do laboratório de peste passaram a ser realizadas no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM), em Recife. Em 2002, o Laboratório de Peste do CPqAM foi reconhecido pelo Ministério da Saúde como Serviço de Referência Nacional em Peste (SRP) e continua atuando na vigilância e controle da peste em colaboração com a Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA/MS). O último caso de peste em Pernambuco ocorreu em 1982, enquanto o último caso no Brasil ocorreu no Ceará, em 2005 (Tavares, 2007).

373

Quem é Alzira Maria Paiva de Almeida?

A história da peste no Brasil, especialmente no sertão de Pernambuco, é conectada à trajetória de Alzira Maria Paiva de Almeida, refletindo sobre as circunstâncias em que se tornou pesquisadora e se desenvolveu nesse campo, sendo atravessada também pelas conjunturas históricas desse percurso até o presente. Assim, buscamos conectar os relatos biográficos da pesquisadora com o contexto histórico e coletivo que ela integrou, situando seu percurso de formação e os impactos de sua atuação na área da saúde humana.

Partindo da perspectiva de Bourdieu (1996) de *trajetória*, vemos que a história de Alzira é fruto sobretudo de suas escolhas como sujeito, das práticas que realiza como pesquisadora, mulher, mãe, assim como é tramada a partir da sua origem, da formação familiar, escolar, universitária. Buscamos, portanto, reconstruir essa trajetória até a atualidade,



sem reduzi-la ou romantizá-la, mas sobretudo evidenciando o legado dessa pesquisadora de referência sobre a peste no Brasil e no mundo no campo da pesquisa científica em microbiologia. Além disso, ainda que o foco seja contextualizar o percurso profissional de Alzira no panorama histórico de sua formação, acreditamos que, a partir dessa reconstrução, é possível lançar um olhar para as questões de gênero e gênero e ciência, que, no contemporâneo, vão muito além dos espaços acadêmicos e de militância.

374

Os movimentos feministas, em vários momentos da história, foram importantes para reconstruir as narrativas em torno das mulheres, contribuindo para a abertura de debates coletivos sobre os papéis de gênero, as desigualdades entre gêneros e suas implicações concretas no cotidiano dos sujeitos. Evelyn Fox Keller⁷ (2006), destaca, por exemplo, as décadas de 1970-1980, no que se convencionou chamar de segunda onda feminista, quando o debate político se instalou também nas universidades, fomentando um debate intelectual e científico, sistematizado numa teoria feminista. Ela ressalta como a integração de pesquisadoras nos laboratórios das ciências naturais gerou uma amplitude de percepções sobre os objetos de estudos, evidenciando, muitas vezes, visões limitadas e/ou enquadramentos e abordagens sexistas. Para que tais mudanças ocorressem, ela ressalta a necessidade de existir toda uma conjuntura social e política, antes mesmo de intelectual e acadêmica, em que os vários agentes, de vários gêneros, tomem parte dessa transformação nos diversos âmbitos do cotidiano. Porém, como tais desigualdades remontam a estruturas muito profundas da nossa sociedade, que falam do papel que “[...] as ideologias de gênero desempenham (e têm desempenhado) no esquema abstrato subjacente a nossos modos

7 Física, escritora e ativista feminista estado-unidense. Professora emérita de História e Filosofia da Ciência do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT).



de organização” (Keller, 2006, p. 15), elas persistem no presente, de formas mais ou menos veladas, porém, certamente, contam com olhos mais atentos, mais críticos e reflexivos, além de outros mecanismos de assistência e promoção da igualdade entre gêneros.

Sendo assim, uma vez que tratamos de discutir sobre a trajetória de uma mulher e cientista que se formou e se desenvolveu como pesquisadora em um período em que a atuação feminina no mercado de trabalho e, ainda mais, no campo científico, foi negada durante muitos anos, consideramos importante observar os atravessamentos das questões de gênero nessa narrativa. Como outras mulheres do seu tempo, Alzira teve que enfrentar muitos desafios ao longo da vida a fim de chegar ao lugar de destaque que hoje ocupa, sendo exemplo e inspiração para outras jovens pesquisadoras.

Percebemos, ao longo da entrevista que realizamos com a pesquisadora, que questões relacionadas aos estereótipos de gênero surgem em vários momentos, sejam em perguntas ou situações relacionadas a momentos de sua trajetória pessoal, seja em relatos sobre as experiências profissionais vividas. Nesse caso, a partir das respostas que nos são dadas, no alinhamos às discussões teóricas da autora Joan Scott (1995), que faz uma análise acerca dos estereótipos de gênero e da constituição identitária como construções sociais que delimitam papéis adequados aos homens e às mulheres. Essas imposições são perceptíveis a partir dos relatos de Alzira, onde percebemos que, em vários momentos de sua trajetória, foi subestimada por ser mulher, tendo sua capacidade questionada e sendo constantemente pressionada pelas expectativas ligadas ao seu gênero (Almeida, 2024b; Almeida, 1997; Fiocruz, 2019).

375

Diante do exposto, resgatamos alguns dos dados biográficos de Alzira, focando no seu percurso até se tornar a referência que ela é nas

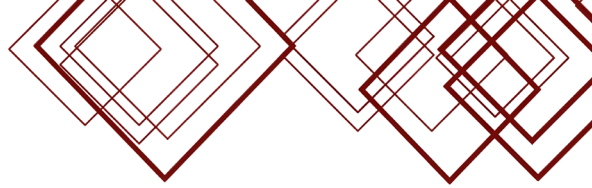


376

pesquisas em torno da peste. Alzira Maria Paiva de Almeida nasceu na Zona da Mata pernambucana, em 16 de janeiro de 1943, tendo crescido em família católica, que conservava certos ideais e expectativas para uma filha mulher. Na época de sua conclusão do ginásio, como ela relata em entrevista, não sabia ao certo qual carreira seguir, tendo optado pelo magistério, carreira comum para mulheres. No entanto, ao terminar o curso, graças a uma tia-avó em Recife, começa a pensar na possibilidade de fazer um vestibular. Ela conta que a tia lhe falou sobre o curso de Nutrição do Departamento de Fisiologia da Universidade do Recife, recém-criado por Dr. Nelson Chaves e ela, então, ficou interessada. Assim, fez um cursinho ofertado pelo departamento de Fisiologia da Faculdade de Medicina para as candidatas ao vestibular, frequentado, entre outras, por moças da casa de estudantes na Soledade, em Recife. Nesse contato com outras meninas da sua idade, desmistificou certos preconceitos sobre aquelas que não vinham de colégios de freiras, como era o seu caso.

E foi aí que eu vi que as meninas tinham outra formação. Uma bagagem de conhecimento que eu não tinha. Aí, pronto, eu comecei. Me agarrei com elas, praticamente, né? E me entrosei com elas. Então, fazia o curso, marcava com elas para estudar na Casa Pernambucana ou na Casa do Estudante, por sorte. [...] E por aí em diante. E fui tomando gosto. Daí, do curso de nutrição, percebi que realmente tinha tendência para essa área de biologia e tudo mais. Gostei muito. E logo, também, eu soube que o Instituto de Nutrição estava crescendo muito e que o Dr. Nelson estava com um projeto muito bom (Almeida, 2024b).

Ao ingressar no curso superior, foi se empenhando cada vez mais e conseguiu ser bolsista no laboratório, já que a área de Nutrição estava em franco crescimento. Ao concluir o curso, em 1964, seguiu trabalhando com Dr. Nelson, que, juntamente com outros profissionais,



impulsionava o crescimento e a consolidação do Instituto de Nutrição da Universidade do Recife (atual UFPE). Em 1966, o Plano Piloto da Peste (PPP) é implementado, após anos de estruturação, com o laboratório fixado em Exu. À época, Alzira já estava noiva de Célio Rodrigues de Almeida, que também trabalhava na área da saúde. Também nesse período, ele havia ingressado no então IAM, e, por isso, tinha em vista também o PPP. Como ela comenta, não havia chances de ela se manter vinculada ao Instituto de Nutrição e se mudar para outra cidade, pois, além de desfalar a equipe de Dr. Nelson, ela estaria distante da Universidade (do Recife). Nesse momento, o convite de Dr. Frederico Simões Barbosa (Almeida 2016), que estava também envolvido no PPP, a ajudou com a decisão de mudar-se para o interior do estado (Almeida, 1997). O fato de não ser epidemiologista e de ser mulher gerou resistências a respeito da sua participação na equipe, porém, ela aceitou o desafio, e com dedicação e esforço mostrou que não só podia ocupar aquele espaço, como sua formação como nutricionista lhe deu base sólida para pesquisa no campo da saúde humana (Fiocruz, 2019). Foi na graduação que começou a trabalhar com camundongos e ratos brancos, o que acabou sendo uma boa experiência para o que estava por vir em sua trajetória e em seu enfrentamento contra a peste, como ela relata: “[...] quando eu fui pra Exu, trabalhar com rato do mato, eu pelo menos já sabia como é que era um rato, não é? Eu já não tinha medo de rato. Já era capaz de pegar e manusear um rato” (Almeida, 2024b). 377

A respeito da sua consolidação como uma pesquisadora, ela nos fala que realmente seu ingresso no meio acadêmico foi acontecendo aos poucos, à medida que ela abraçava oportunidades. Sua ida ao laboratório de Exu, ao lado do noivo, Célio Rodrigues de Almeida, ocorreu com o desejo de crescer profissionalmente e de se estabelecer financeiramente. Quando lhe questionamos sobre as expectativas em torno dos

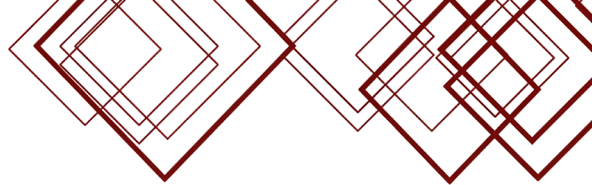


papéis de gênero e do seu trabalho, ela nos conta um pouco da vida interiorana de Exu.

Quando eu cheguei em Exu, recém-casada, com apenas 23 anos de idade, o pessoal me via ali como uma futura mãe e ficava o tempo todo me olhando e olhando minha roupa, minha barriga. Foi bem engraçado porque foi na época dos vestidinhos soltos, tipo batinha, aí eu comecei a usar batinha para ir para reuniões e tudo mais, o que levantava suspeitas de uma possível gravidez. Eu cheguei lá em julho de 1966, no ano seguinte, na festa das mães, eu fui homenageado como mãe. Recebi tal homenagem porque ninguém admitia que naquelas alturas eu ainda não estivesse grávida. [...] eu morri de vergonha, porque no meio de tanta mãe... E as mulheres lá tinham 9, 10, 12 filhos. Na época também ninguém tinha noção de métodos de contracepção, nem mesmo da pílula, porque a pílula começou na década de 60. Eu cheguei lá em 66. Então, as mulheres ali, eram donas de casa e mães, prioritariamente (Almeida, 2024b).

378

Como ela relata, as pressões sociais permearam seu caminho, mas só teve filhos quando pode de fato ter mais conforto financeiro e mais infraestrutura. Isso porque a mudança para Exu não contou com grandes planejamentos. Antes de se desligar da equipe de Dr. Nelson, ele lhe havia perguntado se ela sabia onde se localizava a referida cidade, e como ela não sabia, ele a mostrou num mapa, dando-lhe maior dimensão da distância entre seu novo destino e a capital do estado (Almeida, 1997). Para além dessa distância, havia a questão de adaptação a uma cidade simples, sem serviços a que ela estava acostumada. Localizada no sertão pernambucano, mais precisamente na divisa dos estados de Pernambuco e Ceará, Exu era, na década de 1960, uma cidade interiorana, sem grande infraestrutura, sem contar com “[...] sistemas de fornecimento de energia elétrica nem tão pouco abastecimento de água e a comunicação era feita por rádio amador ou telegrama” (Fiocruz, 2019, p. 3). A construção do laboratório foi possível porque “[n]a região foi identificada uma Escola Prática de Agricultura, construída em 1954 e



jamais utilizada, com sistema de fornecimento de energia (grupo gerador) e água (adutora) próprios, o que tornou possível a instalação do laboratório de pesquisas em campo” (Fiocruz, 2019, p. 4).

Alzira conta que isso pesou inclusive na decisão de ter filhos, pois assim que chegou na cidade, o médico local havia ido embora. Assim, a cidade não contava com ruas asfaltadas, por exemplo, não havia também estrutura para sinais de rádio, de modo que as notícias do período conturbado que o Brasil vivia chegavam por lá apenas através de pessoas de fora. Além disso, quando perguntamos a Alzira se ela sentia medo em relação à doença, ela nos surpreende, contando que não houve grandes dúvidas sobre a mudança por parte dela e, à época, do noivo. “Na época, a gente não tinha os recursos de informação que tem hoje [...] não tinha consciência da gravidade da doença. Ou talvez pela idade, a segurança da idade, da juventude, me achava capaz de tudo” (Almeida, 2024b).

379

Sobre sua adaptação no laboratório, mesmo sendo a única mulher a compor inicialmente a equipe, ela comenta que soube se impor e foi respeitada, mostrando seu empenho e sendo reconhecida pela sua competência nas pesquisas (Fiocruz, 2019). A pesquisadora Tatiana Roque (2024), em texto intitulado *De que falamos quando pedimos igualdade de gêneros?*, reflete sobre como, muitas vezes, as mulheres são questionadas em termos de competência ao ocuparem posições tradicionalmente ocupadas por homens, como é o caso da pesquisa científica, sobretudo nas áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, na sigla em inglês). A partir de vários levantamentos a respeito da graduação e pós-graduação no Brasil, e pautada nas discussões sobre mulheres e ciência, ela aponta que a desigualdade de gênero nesse meio acadêmico pode ser sintetizada em três eixos: a representatividade, que fala do baixo número de mulheres em determinados campos de



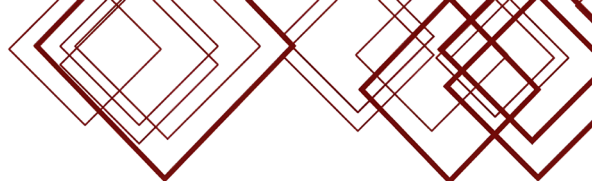
pesquisa acadêmica e em determinadas posições de maior prestígio na carreira; a cultura científica, a qual reforça certas mentalidades de que há carreiras mais adequadas às mulheres, e outras aos homens; e o viés epistemológico, que reflete como as questões de gênero perpassam a relação pesquisador – objeto de estudo, na forma com que é dado um certo enquadramento na exposição e articulação de teorias e ideias.

No decorrer da História, foram estabelecidas definições e estereótipos que marcaram como a mulher deveria se comportar ou agir, inclusive apontando que tipo de espaços elas deveriam ocupar e até mesmo que educação receber, sempre sendo colocadas em posição de inferioridade em relação aos homens. De acordo com Scott (1995), o conceito de gênero foi se consolidando como uma percepção dual sobre as diferenças sexuais hierarquizadas, estabelecendo relações desiguais, que reverberam ao longo do tempo.

380

“gênero” era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. As pesquisadoras feministas assinalaram desde o início que o estudo das mulheres não acrescentaria somente novos temas, mas que iria igualmente impor um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científico existente. “Nós estamos aprendendo”, escreviam três historiadoras feministas “que inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas (Scott, 1995, p. 73).

Mudar esses cenários ao longo dos anos, em qualquer âmbito, nunca foi uma tarefa fácil por conta da existência de uma cultura de descrédito em relação às mulheres em posição de liderança ou em cargos tidos como “masculinos”. Se houve avanços da época de formação de Alzira e da sua inserção na pesquisa, ainda há muito o que se con-



quistar em termos da desconstrução de estereótipos e outros preconceitos a respeito de mulheres pesquisadoras. Como Roque (2024, p. 41) aponta, “Frequentemente, para se sair bem no meio intelectual, a mulher tem que dominar habilidade normalmente associada ao macho: não titubear, ser sempre afirmativa, fazer valer suas opiniões com base em tom de voz, mostrar precisão e inteligência acima da média”. Essa cobrança faz com que características associadas às mulheres, como uma visão mais subjetiva, a demonstração de afetividade e de um lado mais emotivo, sejam vistas como fraquezas e desviantes de um padrão solicitado para o que desenhou como “cientista”. Essas ideologias de gênero duais limitam a ambos, homens e mulheres, mas certamente as estas são as mais afetadas e preteridas nesse ambiente intelectual.

E, como é de se imaginar, a sociedade patriarcal e machista continua a se materializar em algumas situações, conforme relata a entrevistada: “Eu era Dona Alzira, mulher de Doutor Célio” (Almeida, 2024b). Na época, nem ela, nem o companheiro tinham o título de Doutor, mas somente ele era referenciado e validado nesse lugar de pesquisador. Há ainda o episódio da visita ao laboratório, de um veterinário e sanitarista do exército, que questionou Alzira sobre a limpeza do local. Tal comportamento reflete as visões e expectativas em torno da presença de mulheres naquele espaço. Situação que, hoje, já é bem diferente, como atesta a pesquisadora emérita, pois atualmente trabalha rodeada de mulheres pesquisadoras, em sua maioria. Apesar da diminuição das desigualdades, com maior apoio para denúncias a respeito desse tema, Roque (2024) nos lembra que a ciência foi por muito tempo praticada por homens, sendo, portanto, um domínio predominantemente masculino. A autora comenta sobre o efeito “teto de vidro”, metáfora cunhada pela historiadora estadunidense Londa Schiebinger, para indicar “o fenômeno que indica barreiras invisíveis que dificultam o



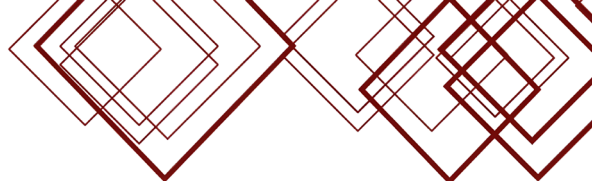
acesso de mulheres a posições de destaque ou liderança na hierarquia da ciência e está presente no Brasil e no mundo” (Roque, 2024, p. 14). Uma dessas dificuldades citadas pela autora é a questão de maternidade e carreira acadêmica, como se não houvesse possibilidade de conciliação ou um tipo de desvalorização da pesquisadora que vira mãe. Ela cita ainda o caso recente da pesquisadora Maria Carlotto, do campo das Ciências Sociais.

A cultura científica excludente ficou bem óbvia em episódio recente envolvendo a pesquisadora Maria Carlotto, da UFABC (Universidade Federal do ABC), que teve a maternidade citada em um parecer do CNPq contrário à obtenção da bolsa PQ [bolsa produtividade] a que ela concorria, no fim de 2023. Segundo a análise do parecerista, pesava o fato de a pesquisadora não ter realizado pós-doutorado no exterior, o que poderia ter sido “atrapalhado” por suas gestações. Diante da repercussão negativa da justificativa, o CNPq emitiu nota admitindo a inadequação da avaliação e seu “juízo de valor preconceituoso”. (Roque, 2024, p. 16).

382

O caso teve grande repercussão, provocando mudanças no tempo de avaliação da produtividade para pesquisadores que passaram por gestações, ampliado para dois anos para cada parto/adoção no período da chamada do edital. Porém, esse episódio só reforça que há um longo caminho de transformações a ser construído, considerando também pontos de intersecção entre gênero, raça e classe social. Nesse sentido, o percurso realizado por Alzira e sua presença nesses ambientes destinados prioritariamente aos homens nos faz refletir o quanto a pesquisadora teve que travar vários embates, principalmente, no que diz respeito a sua trajetória profissional e nos faz constatar que ainda é necessário reverter esse quadro com a iniciativa da criação de mais políticas públicas para promover a equidade de gênero no campo da saúde e das ciências.

Alzira participou da construção desse importante projeto que foi



o PPP em Exu. Lá, trabalhou com “consultores designados pela OMS, que eram pesquisadores do Instituto Pasteur de Paris, Instituto Pasteur do Irã, Museu de História Natural de Paris e o pessoal do Ministério da Saúde (Brasil)” (Almeida, 1997, p. 96). No entanto, com o passar dos anos, o deslocamento para Garanhuns foi se mostrando a melhor solução para o desenvolvimento das pesquisas do que ficou conhecido como zona da peste, ponto crítico de disseminação da doença em Pernambuco. Isso porque “Exu era de muito difícil manutenção, muito afastado de outros centros científicos e difícil de atrair outras pessoas de nível universitário para trabalhar lá” (Almeida, 1997, p. 96), enquanto Garanhuns apresentava uma melhor estrutura para esse próximo passo do projeto. Assim, Alzira e Célio mudaram-se para a cidade das flores, em 1973, onde ela pode, com mais estabilidade e tranquilidade, constituir um lar e uma família. Lá teve gêmeos, e, como vimos até agora, abraçou as oportunidades profissionais importantes no exterior. Sua chegada ao Recife se dá pela necessidade de mudança do Laboratório da Peste para a capital pernambucana, quando este passa a compor “[...] o então Laboratório de Microbiologia do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM), integrando Alzira à equipe de pesquisadores” (Fiocruz, 2019, p. 4). As imagens abaixo ilustram a pesquisadora em ação durante suas atividades de pesquisa (Figura 1).

383

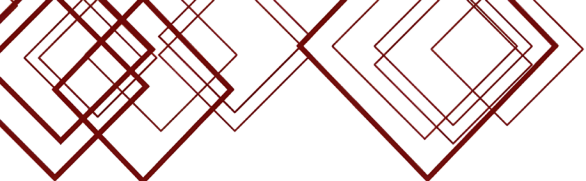


Figura 1 – Registro da Dr^a Alzira Almeida durante suas atividades de pesquisa em campo, Salvador, Bahia, 2015

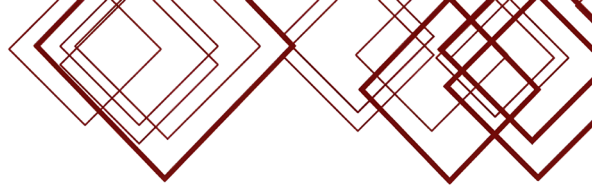


Fonte: Acervo pessoal da Dr^a Alzira Almeida. Legenda: Dr^a. Alzira Alzira Almeida em atividades de campo com roedores em áreas de transmissão de peste na Bahia, 2015. A. Coleta de tecidos de roedores para pesquisa de *Yersinia pestis*; B. Taxidermia de roedores para depósito em coleção.

384

Recentemente a Fiocruz começou a reconhecer importância desse protagonismo feminino, bem como o legado da pesquisadora Alzira Almeida. Em 2021, por exemplo, foi lançada pela Fiocruz e pelo Ministério da Saúde a obra *Histórias para inspirar futuras cientistas*, de autoria de Juliana Krapp e Mel Bonfim e ilustrações de Flávia Borges, que apresenta capítulo dedicado à Alzira. Dessa forma, vemos que a trajetória dessa cientista aqui discutida é fonte de inspiração para jovens que sonham e desejam seguir nessa carreira da pesquisa científica.

Em relação a seu ingresso no Doutorado, em 1989, isso se deu já quando trabalhava em Recife, quando pôde aprofundar seus conhecimentos ao nível acadêmico, indo estudar no exterior: “[...] percebi a possibilidade de fazer o doutorado na França, embora não tivesse ainda



cursado o mestrado. [...] por informações dos colegas, eu soube que as universidades francesas poderiam dispensar o mestrado mediante avaliação do curriculum” (Almeida, 1977, p. 102). Então, em conversa com o Dr. André Furtado, à época diretor do CPqAM, ela demonstrou interesse em uma vaga para disputar a bolsa de doutorado. Com a disponibilidade confirmada, ela escreve ao professor Henri H. Mollaret, pesquisador francês (chefe do Department d’écologie des agents pathogènes, do Institut Pasteur de Paris), sendo aceita para essa nova fase na sua formação acadêmica. Os dois se conheciam desde o período do PPP em Exu, por ocasião de uma visita do pesquisador/consultor da OMS ao PPP e, mais tarde, por ocasião de um estágio de aperfeiçoamento em bacteriologia que Alzira realizou naquele departamento no Instituto Pasteur de Paris, em 1975 (Fiocruz, 2019). Em 1981, é válido destacarmos, a pesquisadora também realizou um estágio nos Estados Unidos, no CDC (Centers for Disease Control and Prevention), desenvolvendo importante trabalho sobre o diagnóstico da peste no Brasil. Em 1980, apesar de a diminuição no número de casos (Silva, 2024), a doença ainda representava um desafio para a saúde pública, especialmente nas áreas rurais e na região Nordeste. Assim, o trabalho de Alzira tornou o Brasil autossuficiente na produção do antígeno F1, diminuindo a dependência externa do país e auxiliando no diagnóstico mais rápido da doença, o que foi, portanto, um marco importante no monitoramento e combate à doença. 385

[...] para capacitação na produção do antígeno F1 e do conjugado para imunofluorescência. Ressalte-se que os referidos insumos eram fornecidos ao Brasil pelo CDC. Após o retorno do CDC-EUA, Alzira implementou a produção dos mesmos para o diagnóstico da Peste no Brasil, tornando o país autossuficiente. Insumos que até os dias atuais são produzidos e fornecidos, aos LACENs pelo Serviço de Referência Nacional em Peste (Fiocruz, 2019, p. 4).



386

Logo, ao tentar a vaga para doutorado, ela já tinha um currículo com vasta experiência em pesquisas. Já no doutoramento, em 1989, ela ingressou na área de pesquisa de biotecnologia e biologia molecular, e sobre essa temporada no exterior, ela conta: “A temporada na França foi muito difícil para mim, apesar do meu deslumbramento pela Europa” (Almeida, 1977, p. 103). Sua opção pela especialização lhe custou uma perda de *status* de pesquisadora associada ao CPqAM, em Recife, passando a se situar no nível de estudante/estagiária estrangeira. Além disso, o conforto que tinha na capital pernambucana, ao lado do marido e da família, foi substituído por uma certa solidão, ao encontrar-se sozinha em Paris. Mas, aos poucos, foi se adaptando, com a ida de seu marido e de seus filhos também. Alzira conta que havia muita cobrança por parte da orientadora francesa, Dr. Elisabeth Carniel, para que prosseguisse o mais rápido possível com sua pesquisa. No tempo em que estava em França, quem deu continuidade a seu trabalho sobre a peste, na Fiocruz, foi a Dr^a. Nílma Cintra Leal, com quem trocava correspondências constantes, que envolvia não só amizade, mas também o lado profissional. Ao final, conseguiu seu título de doutora em microbiologia pela Universidade de Paris VII, o que coroou seu longo percurso de pesquisas já feitas, trabalho em laboratório e em campo, capacitações e estágios (Almeida, 1997).

Um dos momentos marcantes de sua carreira foi o período que ficou em Lima, no Peru, entre novembro de 1995 a fevereiro de 1996, para uma consultoria realizada no Instituto de Higiene do Peru, organizada pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Ela classifica esse período como um dos mais gratificantes da sua trajetória: “[...] tive a satisfação de transmitir minha experiência através de aulas teóricas e demonstração prática no Centro de Produção de Biológicos, além de fazer várias palestras nas Universidades de Lima” (Almeida, 1997, p. 105).



Notamos não só nesse relato, mas também na entrevista concedida por ela, o entusiasmo por construir conhecimentos em equipe, trocando experiências com diversas gerações de pesquisadores. Além disso, vemos sua paixão por aprender; não à toa, está ativa, desempenhando seu papel de pesquisadora, tutora, e, por extensão, inspiração para colegas de trabalho, aos 81 anos de idade.

Alzira no século XXI

Retomando a história de Alzira Maria Paiva de Almeida e relacionando-a com o contemporâneo, vemos que ela dá continuidade a seu ofício como pesquisadora, participando de eventos, projetos e orientações. Como tratamos da peste e de sua repercussão, é inevitável não pensarmos também na recente pandemia da Covid-19, e do grande esforço de pesquisadores na elaboração da vacina e no mapeamento de causas e efeitos da doença. Em termos comparativos, observamos que o olhar de Alzira sobre a epidemia da peste, naquele momento, era muito mais de um olhar de uma pesquisadora em formação, cheia de curiosidade e entusiasmo (Almeida, 2024b). Ela conta que sua mudança para Exu foi, de fato, como uma partida para uma “aventura”, embora sua família se mostrasse mais reticente, porém, mais aliviada por ela ir viver em Exu já estando casada. Entretanto, ao pensarmos sobre um paralelo com a pandemia da Covid-19, Alzira sente que a reação foi outra, sobretudo por conta do maior acesso à informação. “Eu já estava idosa, já estava com mais de 70 anos. Então, já me considerei uma potencial vítima. Vinha de um tratamento oncológico. Então, eu me considerei frágil, vulnerável e fui, senão a primeira, uma das primeiras pessoas a se autoconfinar” (Almeida, 2024b).

387

Se antes, ela não tinha noção do perigo e não achava que poderia



se contaminar com a peste, todo medo que ela não sentiu em 1966 a atingiu em 2020. Nesse momento da conversa, Alzira nos mostrou no computador uma série de slides que abordavam a relação entre literatura e doenças, mostrando que sua formação também caminha atrelada aos estudos históricos e literários e ao conhecimento das grandes narrativas produzidas sobre o tema, que, como é sabido, constroem um imaginário sobre o que é a doença e seus sentidos e simbologias. Ela fala então de *História da Coluna Infame*, de Alessandro Manzoni, que narra o julgamento de dois homens acusados, injustamente, de espalharem a peste numa vila italiana, em 1630. Ou ainda, *Os noivos*, do mesmo autor, obra na qual um casal apaixonado enfrenta, entre outras adversidades, a epidemia de peste. Cita também *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe, obra que descreve de forma bastante vívida a questão da epidemia da peste bubônica em Londres, Inglaterra, em 1665; *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, que trata sobre um grupo de jovens que se abrigam em um castelo para fugir da peste; e, por fim, fala d' *A peste*, de Albert Camus, livro que também ficou consagrado como um grande relato do enfrentamento a essa doença.

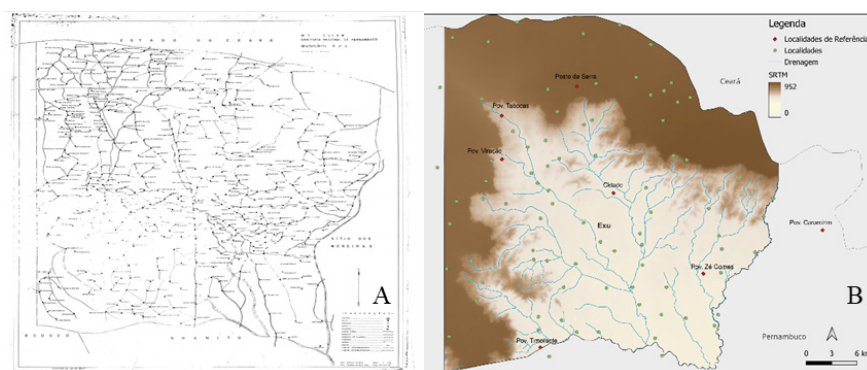
Alzira conta que releu as obras durante a pandemia de Covid-19 e ficou impressionada com a proximidade do que via na ficção e do que acompanhava na vida real (Almeida, 2024b). Sobre a desinformação que rondou esse período recente, bem como os movimentos anticiência e antivacina, ela lamenta, ao afirmar ser um “desserviço” e uma “destruição” do trabalho de tantos pesquisadores e do trabalho diário que é o fazer científico.

Apesar deste cenário, Alzira continuou desenvolvendo suas pesquisas e atividades acadêmicas durante a pandemia, na qual se debruçou sobre os estudos da peste em Exu, a partir de dados coletados em seus trabalhos de campo realizados durante o período em que trabalhou no

PPP e de dados recém coletados no ano de 2019, em que foram georreferenciados todos os locais com registro de casos suspeitos e confirmados da doença, bem como os dados de coleta dos reservatórios silvestres. A espacialização dessas informações faz parte hoje de uma nova linha de pesquisa no Serviço de Referência Nacional de Peste (SRP), que visa elucidar questões relacionadas aos fatores ambientais, biológicos, ecológicos e geográficos que possibilitaram a instalação de um foco natural da doença neste município (Fernandes *et al.*, 2021b; Bezerra, 2024). Para ilustrar esses trabalhos realizados ao longo de uma vida dedicada à ciência, os mapas abaixo (Figura 2) demonstram o processo de modernização na construção de mapas (croquis) das áreas estudadas em Exu e comprovam o espírito investigativo e sempre antenado da pesquisadora com os avanços metodológicos no campo científico.

Figura 2 – Mapas da localidade de Exu – PE, 1978/79 (A) e 2024 (B).

389



Fonte: Fototeca do SNRP (2024). Legenda: A. Coleta de tecidos de roedores para pesquisa de *Yersinia pestis*; B. Taxidermia de roedores para depósito em coleção.

Outro exemplo recente da disposição de Alzira em continuar na ativa foi a organização e participação de uma expedição científica intitulada “Revisitando a história: a rota da peste em Pernambuco”, que percorreu os focos de peste no estado de Pernambuco em julho de 2023,



no auge dos seus 80 anos de idade. A expedição saiu do Recife e durante 10 dias percorreu as áreas de transmissão da doença nos municípios de Garanhuns, São José do Belmonte, Triunfo e Exu (Instituto Aggeu Magalhães, 2023). Esse percurso foi feito pela primeira vez por Marcel Baltazar (Instituto Pasteur/Irá) e Frederico Simões Barbosa (Instituto Aggeu Magalhães/ Fiocruz Pernambuco) em 1964, e agora foi refeito, considerando o legado de todos que se dedicaram ao PPP, incluindo a própria Alzira. Durante a expedição, Alzira concedeu uma entrevista ao jornal *Marco Zero*. A matéria intitulada “A Esquecida História da Mortal Epidemia da Peste em Pernambuco” foi publicada em julho de 2023 por Maria Carolina Santos, e apresenta interessantes comentários e fotos sobre a volta de Alzira a Exu e sua visita ao que hoje são as ruínas da escola agrícola (Santos, 2023). A matéria aponta, por exemplo, a importância do PPP para formação de novos pesquisadores técnicos da peste no sertão pernambucano.

390

Atualmente, Alzira continua trabalhando, sendo coordenadora do Serviço de Referência Nacional em Peste (SRP) e curadora da coleção biológica de *Y. pestis*⁸ mantida na Fiocruz-PE, tendo se dedicado aos estudos sobre essa doença por mais de 50 anos. Recentemente, entre 22 e 25 de setembro de 2024, essa pesquisadora singular, que vem influenciando novas gerações, participou do Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical onde, juntamente com pesquisadores e colaboradores mais novos, integrou mesas redondas e apresentou em palestras os resultados promissores de um teste rápido para o diagnóstico da peste que deve ser utilizado na rotina das ações de vigilância nos reservatórios da doença. Em uma dessas palestras, intitulada “Peste negra 125 anos: Existe risco de reativação em massa da doença no Brasil?”, Alzira apre-

8 As informações sobre essa coleção biológica podem ser acessadas através do link: <https://www.cpqam.fiocruz.br/pesquisa/colecoesbiologicas>.



sentou um breve apanhado histórico da doença no país, destacando a importância da manutenção das ações de vigilância em saúde, pois, segundo discutido por ela, a peste está em um momento de quiescência ou silêncio, mas ela pode sim retornar a qualquer momento e isso sempre acontece em seus focos naturais. Portanto, o Brasil precisa estar preparado para mitigar uma nova epidemia (Almeida, 2024a).

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo discutir brevemente a trajetória da pesquisadora emérita Dra. Alzira Maria Paiva de Almeida, do Instituto de Pesquisa Aggeu Magalhães - Fiocruz - Pernambuco, um dos nomes mais relevantes no campo dos estudos sobre a peste no Brasil. Nosso foco foi apresentar o percurso feito por ela, levando em consideração a escolha da carreira e os caminhos trilhados no decorrer de sua vida pessoal e profissional. A partir de depoimentos da própria Alzira, em entrevista concedida conforme já apontado, além de outros materiais que relatam a sua carreira, foi feita uma discussão entrelaçando temas importantes como os estudos sobre gênero, a questão das narrativas biográficas e estudos acerca da memória individual e coletiva, além de revisitar a história da peste bubônica, uma das doenças mais presentes na história. 391

Ao longo deste artigo e partir das discussões apresentadas sobre a carreira de Alzira, observamos como a sua presença no âmbito acadêmico adquire uma grande dimensão se pensarmos na garota nascida em Palmares (PE), em meio a família católica, que acreditava que seu destino era o magistério, assim como era comum para outras mulheres da época. A partir do seu ingresso no curso de Nutrição, com a influência de familiares e amigas que lhe mostraram como os estudos abrem



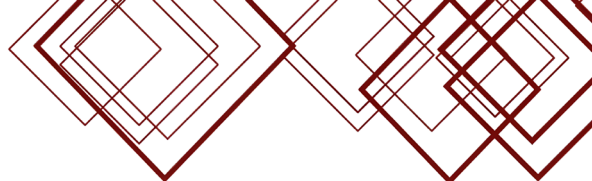
portas e que a pesquisa científica poderia ser um caminho a ser trilhado por ela, Alzira percorreu um itinerário cheio de conquistas pessoais e escreveu sua história para mais adiante figurar como uma das maiores referências sobre a peste a nível nacional e internacional.

Constatamos também que as fontes sobre Alzira, como o memorial e o livro organizados pela Fiocruz, a matéria do jornal *Marco Zero*, bem como as entrevistas (incluindo a que realizamos), além da convivência de algumas das autoras deste artigo que têm o privilégio de fazer pesquisa com Alzira, evidenciam o potencial do trabalho realizado por ela e a importância social e cultural do seu legado. A experiência consolidada por sua atuação em diferentes projetos, em seus 50 anos de carreira, se reflete também nos alunos e alunas que Alzira formou ao longo de todos esses anos, nos colegas que inspirou e continua inspirando, nas palestras, cursos, conferências e congressos, frutos de sua produção acadêmica, que segue contínua e cheia de frutos. Com isso, entendemos que as mulheres que atuam no campo da história da saúde e das ciências, em geral, acabam encontrando seu próprio caminho de superação, apesar das dificuldades. Por essa razão, é importante apresentar e refletir sobre essas trajetórias, com o objetivo de tornar acessíveis essas histórias, servindo como exemplos de resiliência e comprometimento.

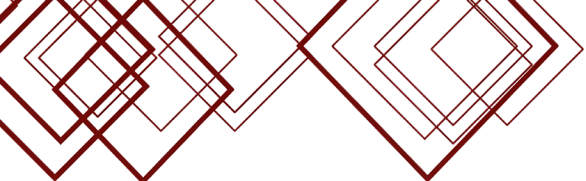
392

Referências

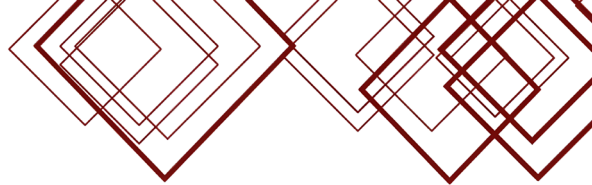
- ALMEIDA, A. M. P. Alzira Maria Paiva de Almeida. In: MONTENEGRO, Antonio Torres; FERNANDES, Tania (Org.). *Memórias revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz; Instituto Aggeu Magalhães, 1997. p. 91-105.
- ALMEIDA, A. M. P. Peste negra 125 anos: existe risco de reativação em



- massa da doença no Brasil? *Sociedade Brasileira Medicina Tropical* – SBMT, Reportagem, 30 set. 2024a. Disponível em: <https://sbmt.org.br/peste-negra-125-anos-existe-risco-de-reativacao-em-massa-da-doenca-no-brasil/>. Acesso em: 5 out. 2024.
- ALMEIDA, A.M.P. Frederico Simões Barbosa e a peste. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, Suplemento 1, n. 32, n. 13, p. 1-3, 2016. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/6098>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- BALTAZARD, M. Situação atual do trabalho de pesquisa sobre a peste no Brasil. *Rev. Bras. Malariol. D. Trop.*, [S. l.], v. 20, p. 367-370, 1968a.
- BALTAZARD, M. Viagem de estudo ao Brasil para a organização de um projeto de pesquisas sobre a peste. *Rev. Bras. Malariol. D. Trop.*, [S. l.], v. 20, p. 335-366, 1968b.
- BARBIERI, R. *et al.* *Yersinia pestis*: the Natural History of Plague. *Clinical Microbiology Reviews*, [S. l.], v. 34, n. 1, 2020. 393
- BEZERRA, M. F.; FERNANDES, D.; ROCHA, I.V.; PITTA, J.; FREITAS, N.; OLIVEIRA, A. *et al.* Ecologic, Geoclimatic, and Genomic Factors Modulating Plague Epidemics in Primary Natural Focus, Brazil. *Emerging Infectious Diseases*. v. 30, n. 9, p. 1850-1864, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3201/eid3009.240468>. [Acesso em: 2 set. 2024.](#)
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Manual de Vigilância e Controle da Peste*. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
- CUKIERMAN, H. L. Viagem(ns) a Santos. *Hist. Cienc. Saude*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 35-56, jun. 1998.



- FERNANDES, D. L. R. d. S *et al.* Spatiotemporal analysis of bubonic plague in Pernambuco, northeast of Brazil: Case study in the municipality of Exu. *PLoS ONE*, v. 16, n. 4, e- 0249464, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0249464>. Acesso em: 2 set. 2024.
- FERNANDES, D. L. R. d. S. *et al.* Spatial and Temporal Distribution of Rodents during the Epizootic and Enzootic Periods of Plague, with a Focus on Exu, Northeastern Brazil. *Tropical Medicine and Infectious Disease*. v. 6, n. 195, 2021b. Disponível em <https://doi.org/10.3390/tropicalmed6040195>. Acesso em: 2 set. 2024.
- FIOCRUZ. Galeria de Honra – Alzira Maria Paiva de Almeida/ Memorial Resumido – Alzira Maria Paiva de Almeida. *Fiocruz*, Recife, maio 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/personalidade/alzira-maria-paiva-de-almeida>. Acesso em: 10 set. 2024.
- 394 FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *O que é um autor?* 3. ed. Tradução Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- FREITAS, O. *Os trabalhos de hygiene em Pernambuco*. Relatório apresentado ao secretário geral do Estado. Recife: Imprensa Oficial, 1919.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Antonio Fontoura. Curitiba: Antonio Fontura, 2004.
- INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES. Expedição científica refaz a rota da peste em Pernambuco. *Instituto Aggeu Magalhães*, Fiocruz Pernambuco, Notícias, Recife, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cpqam.fiocruz.br/institucional/noticias/expedicao-cientifica-refaz-a-rota-da-pesto-em-pernambuco>. Acesso em: 12



ago. 2024.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, n. 27, p. 13-34, jul./ dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644756>. Acesso em: 17 abr. 2025.

KRAPP, J.; BONFIM, M. *Histórias para inspirar futuras cientistas*. Ilustrações de Flávia Borges. Rio de Janeiro: Edições Livres; Fiocruz; Ministério da Saúde, 2021.

NEVES, A. G. *O problema da peste nos roedores silvestres no Nordeste Brasileiro*. Rio de Janeiro: MS/DNERu/DCD, 1957. (Publicações avulsas - no 1).

ROQUE, Tatiana. Capítulo 2 - Do que falamos quando pedimos mais igualdade de gênero? In: OLIVEIRA, Letícia; ROQUE, Tatiana (Orgs.). *Mulheres na ciência: o que mudou e o que ainda precisamos mudar*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel; FAPERJ, 2024. p. 14-62. 395

SANTOS, M. C. A esquecida história da mortal epidemia de Peste em Pernambuco. *Marco Zero*, Recife, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://marcozero.org/a-esquecida-historia-da-mortal-epidemia-de-pestes-em-pernambuco/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SCOTT, J. Gênero: categoria útil de análise. *Educação e Realidade*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-1995.

SILVA JÚNIOR, M. *Peste bubônica: histórico, bacteriologia, sintomatologia e formas clínicas, diagnóstico e tratamento, epidemiologia, profilaxia nacional e internacional*. 114f. 1942. Tese (Doutorado em Ciências Médicas - Higiene) — Faculdade de Medicina de Porto Alegre, 1942.

SILVA, M. A. D. A Global Desert: Plague, Rural Knowledge, and Epidemiological Reasoning in the Brazilian Backlands (1939–1965).



In: SILVA, M. A. D.; LYNTERRIS, C. Rural Disease Knowledge: anthropological and a historical perspectives. Londo: Routledge, 2025. p. 173-199.

SILVA, M. A. D. A peste bulbônica no Brasil: debates e controvérsias (1897-1904). *In: XXVII Simpósio Nacional de história: Conhecimento histórico e diálogo social, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, v. 1. p. 1-12.*

TAVARES, C. *Análise do contexto, estrutura e processos que caracterizaram o plano piloto de peste em exu e sua contribuição ao controle da peste no brasil.* 2007. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2007.